

Estudos sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto a partir da leitura do livro *Maus*

Patricia Sponton¹

Resumo: Este artigo descreve a realização de um projeto de leitura do livro *Maus*, de Art Spiegelman, com alunos do Ensino Médio de uma escola pública, e como essa leitura extrapolou os limites do livro, levando os alunos a se aprofundarem no tema.

Palavras Chave: Sala de Leitura, Ensino Médio, Holocausto, Segunda Guerra Mundial, práticas escolares.

Abstract: This paper describes the realization of a reading project of the book *Maus*, by Art Spiegelman, with high school students from a public school, and how this reading extrapolated the book limits, leading the teenagers to deepen their perception on the subject.

Keywords: "Reading Room", High School, Holocaust, World War II, school practices.

A Sala de Leitura, um projeto da Prefeitura de São Paulo que completou 45 anos em 2017, não é apenas uma biblioteca, é um espaço destinado a:

II - Despertar o interesse pela leitura, por meio do manuseio de livros, revistas e outros textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; [...]

IV - Disponibilizar o acervo de forma organizada de modo a favorecer o desenvolvimento dos projetos didáticos e/ou sequências de atividades de leitura e escrita, trabalhados em sala de aula ou na própria Sala de Leitura;

V - Possibilitar o desenvolvimento do comportamento leitor e propiciar a formação de leitores autônomos.²

Todas as escolas de Ensino Fundamental da Prefeitura de São Paulo possuem uma Sala de Leitura e seus professores orientadores recebem formação contínua mensalmente, para aprenderem práticas novas e trocarem experiências, sempre

¹ Bacharel e Licenciada em Letras pela USP, com Pós-graduação em Psicopedagogia, e Professora Orientadora de Sala de Leitura na EMEFM Vereador Antonio Sampaio desde 2012.

² PORTARIA 3079/08, Regulamenta o Decreto nº 49.731, de 10/07/08, que dispõe sobre a criação e organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na Rede Municipal de Ensino.

visando a despertar o interesse dos estudantes pela leitura, afinal, a meu ver, são os alunos que fazem a aula. Sem interesse deles, o professor desmotiva-se para criar aulas que prendam a atenção.

Em um desses encontros, a formadora sugeriu o livro em quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman, e, alguns anos depois, o então prefeito Fernando Haddad, por ocasião da Bienal do Livro, entregou um vale-compras para cada escola visando à atualização do acervo da Sala.

A escola em que atuo recebe da Prefeitura muitos livros infantis, porém, é uma das poucas escolas municipais em que há classes de Ensino Médio. Por conseguinte, esses alunos quase não têm livros para sua faixa etária, pois não estão contemplados na ação de distribuição de exemplares. Assim, decidi que um dos livros comprados seria o *Maus*, recomendado alguns anos antes, por conta da temática mais próxima da infantojuvenil, e quase adulta (condizente com a faixa etária do Ensino Médio).

Ao lê-lo, fiquei muito comovida com seu enredo, uma história verídica, em que o autor retrata a história do próprio pai (Vladek Spiegelman), sua trajetória durante a Segunda Guerra Mundial e o período que passou em Auschwitz. Além disso, a história é contada na forma de quadrinhos, nos quais cada nacionalidade é retratada por um animal. Sendo assim, os judeus são ratos³; os alemães (nazistas ou não), gatos; e os americanos, cachorros.

Pensei que os alunos gostariam muito da história e decidi que trabalharia o livro no ano seguinte com o segundo ano do Ensino Médio, um grupo com leitores vorazes e com ótimo histórico de empréstimo de livros.

Dessa forma, em cada aula líamos um trecho da história, sempre com grande curiosidade dos alunos, que perguntavam os significados dos personagens antropomorfizados. Víamos mapas e os alunos faziam muitas perguntas sobre a Guerra. Notei também que os alunos surdos se interessaram muito pelo texto, pois, como o formato utilizado é o de história em quadrinhos, a visualização para eles é facilitada, já que, obviamente, os surdos são pessoas que respondem mais fortemente ao apelo visual e têm certas dificuldades em entender o Português (que **não** é sua língua materna).

Percebendo o interesse da classe, pedi ajuda à Professora Marilena Wackler, que leciona Ciências nessa escola e é de origem alemã. Ela gentilmente preparou uma palestra sobre os antecedentes daquele período (a Primeira Guerra Mundial, economia alemã no entreguerras e causas da Segunda Guerra) e também explicou um pouco a respeito do pensamento religioso de Hitler e sobre o Arianismo. Ao final, deu diversas indicações de filmes para os alunos.

Nos dias seguintes, houve muita repercussão entre os alunos, falando principalmente sobre o filme *Operação Valquíria*⁴ e sobre outros assuntos abordados na palestra. Notei que o interesse deles aumentava a cada aula, à medida que o enredo avançava.

Passei aos alunos o documentário *Minha Luta*⁵, sobre Adolf Hitler, pois queria que eles vissem imagens reais da guerra, do sofrimento, da pobreza, dos corpos magros e sem vida dos prisioneiros. Também gostaria que assistissem a Hitler discursando. Queria que vissem que aquela história representada nos quadrinhos realmente havia acontecido.

³ *Maus*, em alemão, significa *rato* – que origina também *mouse*, em inglês.

⁴ *Operação Valquíria*. Diretor: Brian Singer. 2009.

⁵ *Minha Luta*. Diretor: Erwin Leiser. 1961.

Já no segundo semestre, perguntei a outra professora da escola, Chie Hirose, se seu pai, que estava próximo a Hiroshima no dia em que caiu a bomba, poderia dar uma palestra aos alunos. O sr. Shoso Hirose prontamente atendeu ao pedido.

Antes da palestra, trabalhei com os alunos alguns vídeos sobre a bomba atômica. Os vídeos mostravam as cidades de Hiroshima e Nagasaki antes da destruição, o cogumelo de fogo e o que restou depois dele, as cidades arrasadas, as pessoas mortas ou queimadas. Os alunos perguntavam como havia sido feita a filmagem da explosão, sobre os ferimentos causados e até mesmo fizeram uma ligação com a ameaça da bomba nuclear na atual tensão entre os EUA e a Coreia do Norte, desenvolvendo, desta forma, a competência de relacionar a leitura com acontecimentos do mundo real.

A palestra foi um sucesso. Todos os alunos e professores queriam participar, o que infelizmente não foi possível, pois o espaço era pequeno.

O Sr. Hirose, como um sobrevivente de guerra, contou (em japonês, com tradução consecutiva feita pela Professora Chie) a história de sua família e que seu pai foi convocado para o exército, terminando por morrer no Mar das Filipinas. Relatou que sua mãe recebeu do governo japonês apenas uma caixa (típica de restos mortais) vazia com uma carta comunicando o falecimento. Esse foi um momento em que todos se emocionaram.

Revelou-nos também que, no dia 6 de agosto de 1945, ele, com quatro anos de idade, e sua mãe dirigiam-se de Hiroshima para o interior do Japão (para onde haviam se mudado). Da estação de trem – contou – ele avistou um enorme clarão no céu, que nunca havia visto antes. Ambos só se salvaram porque havia uma colina entre eles e a cidade.

Os alunos ficaram encantados com a história e fizeram ótimas perguntas. Foi um encontro enriquecedor para alunos e professores. Alguns alunos surdos também participaram e contaram com a tradução simultânea em LIBRAS.

De volta às aulas de leitura, a história de *Maus* estava atingindo seu ápice. Vladek Spielgman já havia sido enganado e levado a Auschwitz. Contava sobre as câmaras de gás com Zyklon-B, os fornos crematórios e as salas para derretimento de ouro, a fome e a humilhação que passavam. E achei que os alunos deveriam ver que o desenho feito no livro retratando o portão do campo de concentração não era invenção e que realmente existe. Assim, apresentei a eles fotos da entrada de Auschwitz, das paredes das câmaras de gás arranhadas pelos prisioneiros que tentavam escapar, das pessoas dormindo em camas com feno, tendo a tigela de sopa como traveseiro, das montanhas de óculos. Eu fazia questão de lembrá-los que cada um dos óculos representava uma pessoa morta.

Foi um momento de silêncio profundo entre alunos, e percebi que eles realmente estavam imaginando toda aquela tragédia. Eles sentiam compaixão quando liam que os alemães, para fazerem bebês pararem de chorar, pegavam-nos “pelas pernas e batiam na parede... e eles não gritavam nunca mais”,⁶ ficaram tristes quando leram que o primeiro filho de Vladek, Richieu, foi envenenado aos três anos de idade por uma parente, quando ela descobriu que seriam levados a Auschwitz. Durante as aulas seguintes apresentei à classe as fotos reais das pessoas da trama, para que os alunos sempre lembrassem que a história era verídica e que as pessoas existiram; enfim, os alunos entraram na história e se comoveram com diversos trechos.

⁶ SPIELGMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. 2009, p. 110.



Pilha de óculos pertencentes a pessoas enviadas aos campos de concentração

Já os surdos participavam ativamente das aulas, com uma total inclusão com os ouvintes. As fotos levadas ajudavam a imaginar toda a barbárie. Eles perguntavam se o Nazismo e o Holocausto poderiam acontecer novamente.



Vladek Spielgman e sua esposa Anja, com o filho Richieu, em 1941

Então, a discussão evoluía para questões atuais, como a crescente intolerância às minorias no Brasil (eles, como surdos, são minoria), a importância do voto (esses alunos em breve votarão pela primeira vez) e de conhecer as propostas dos candidatos, já que alguns pré-candidatos têm discursos ultradireitistas, pedindo a volta da ditadura militar e mostram intolerância a determinados grupos. Uma das vezes, a discussão se

estendeu por vinte minutos após o término da aula e eram os próprios alunos que queriam se aprofundar no tema, eles que não queriam ir embora!

Também mostrei a eles um vídeo sobre o Dr. Mengele⁷, o famoso médico que fazia experimentos cruéis em pacientes. Esse vídeo tinha um relato de Cyrla Gewertz, uma mulher que, com sua irmã gêmea, passou por experiências terríveis sob a supervisão dele.

Outro vídeo exibido foi sobre Nicholas Winton⁸, que salvou centenas de crianças – e estas, já adultas, estavam ao seu lado em uma homenagem, sem que ele soubesse. A sala foi às lágrimas. Expliquei, ainda, que Hitler mandou esterilizar, a partir de 1933, pessoas com alguma deficiência (inclusive surdez) e, a partir de 1939, praticou eutanásia nesses grupos, a chamada Aktion T-4. Isso fez com que os surdos da sala se colocassem na posição das vítimas do Holocausto⁹. Pude perceber um sentimento forte de empatia nos alunos.

Ainda sobre a intolerância, tema que foi levantado e discutido pelos estudantes, o artigo primeiro da Declaração Mundial de Princípios sobre a Tolerância, elaborado pela UNESCO em 16 de novembro de 1995, diz que

A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença [...].¹⁰

E, de acordo com Fischmann,

[...] o sentido de educar para a tolerância e de praticar a tolerância está também aí: conhecer o outro, todos os outros, que vivem de forma distinta daquela que conhecemos. Apenas o conhecimento pode levar à superação do medo que gera preconceito e discriminação.¹¹

Para finalizar o estudo, levei o grupo para o Memorial da Imigração Judaica, no bairro do Bom Retiro, próximo à escola. A intenção era que os alunos conhecessem um pouco mais sobre a cultura judaica. E, coincidentemente, justamente naquela época, o Memorial estava inaugurando um andar totalmente dedicado ao Holocausto. A exposição começa com a entrada por uma réplica do portão de Auschwitz (o qual eu já havia mostrado em sala de aula), passando pela referência à Estrela de Davi amarela presa à roupa dos judeus, uma locomotiva com sua fumaça e o apito remetendo ao transporte até os campos. O ponto máximo da exposição é, além de uma réplica dos

⁷ “Família despreza restos mortais do ‘Anjo da Morte’ nazista Josef Mengele”, Programa Fantástico, de 20 de março de 2016.

⁸ “Nicholas Winton, o herói anônimo da Segunda Guerra”. Programa Fantástico, de 23 de dezembro de 2007.

⁹ Para aprofundamento no tema, cf. RENWAND, Grace. “The Experience of the Deaf During the Holocaust”.

¹⁰ Apud FISCHMANN, Roseli. “Educação, direitos humanos, tolerância e paz”. Paidéia (Ribeirão Preto) v. 11, n. 20. Ribeirão Preto, 2001.

¹¹ Ibidem.

uniformes dos prisioneiros (o “pijama listrado”), uma cama com feno onde dormiam três pessoas e que também transmite o tifo. Anne Frank, cuja foto encerra a maravilhosa exposição, morreu dessa doença. No caminho de volta para a escola, conversamos sobre o que vimos e a reação foi unânime: todos se emocionaram muito com o memorial.



Alunos (surdos e ouvintes) e Professores em visita ao Memorial da Imigração Judaica

Concluo reafirmando minha crença de que são os alunos que fazem a aula. Não faria sentido trabalhar todo esse material se eu não obtivesse uma resposta positiva dos alunos, se tivessem um comportamento apático e não se interessassem pela história. Alunos motivados desafiam o professor a sempre melhorar suas aulas. Dessa forma, tenho a convicção de que os alunos compreenderam e ficaram sensibilizados pela tragédia que foi a Segunda Guerra Mundial, tanto em relação ao Holocausto quanto ao uso de armas nucleares, e acredito fortemente ter atingido um dos principais objetivos da Sala de Leitura, que é

Despertar o interesse pela leitura, por meio do manuseio de livros, revistas e outros textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário.¹²

¹² PORTARIA 3079/08, Regulamenta o Decreto nº 49.731, de 10/07/08, que dispõe sobre a criação e organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na Rede Municipal de Ensino.

Referências bibliográficas

“Família despreza restos mortais do ‘Anjo da Morte’ nazista Josef Mengele”, Programa Fantástico, de 20 de março de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/videos/t/edicoes/v/familia-despreza-restos-mortais-do-anjo-da-morte-nazista-josef-mengele/4897982/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

FISCHMANN, Roseli. “Educação, direitos humanos, tolerância e paz”. *Paidéia* (Ribeirão Preto) v. 11, n. 20. Ribeirão Preto, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2001000100008>. Acesso em: 3 jan. 2018.

Minha luta. Diretor: Erwin Leiser. USA, Classicline, 1961. 1 DVD (117 min.). Região 0, preto e branco. Título original: *Mein Kampf*.

“Nicholas Winton, o herói anônimo da Segunda Guerra”. Programa Fantástico, de 23 de dezembro de 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Xgmz1O-Rtk>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

Operação Valquíria. Diretor: Brian Singer. USA, FOX-SONY DADC, 2009. 1 DVD (121 min.). NTSC, colorido. Título original: *Valkyrie*.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Portaria 3079/08, Regulamenta o Decreto nº 49.731, de 10/07/08, que dispõe sobre a criação e organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na Rede Municipal de Ensino.

RENWAND, Grace. “The Experience of the Deaf During the Holocaust”. Disponível em:

<<http://www.nmu.edu/english/sites/DrupalEnglish/files/UserFiles/Files/Renwand.pdf>>

. Acesso em: 10 jan. 2018.

SPIELGMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. Tradução de Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

Recebido para publicação em 17-01-18; aceito em 18-02-18